

*On the Road with Wellington
The Diary of a War Commissary in the Peninsular Campaigns
by August Ludolf Friedrich Schaumann
Deputy Assistant Commissary-General
in the English Army*

AS TROPAS ALIADAS ANGLO-PORTUGUESAS VISTAS
POR UM ALEMÃO

Maria Teresa Real Byrne



A. L. F. SCHAUWMANN.

Em 1924 é publicada em Londres mais uma obra que tem como pano de fundo a Guerra Peninsular. O seu autor é um alemão, de nome August Ludolf Friedrich Schaumann¹, que, como muitos que o precederam, guardou as suas experiências nas páginas de um diário. Este é, hoje, quase dois séculos passados sobre o conflito, mais um documento que nos permite conhecer melhor o período, testemunha que é do quotidiano de uma guerra já sobejamente descrita e estudada. A edição alemã precedera a

inglesa em dois anos, e tinha consideravelmente mais páginas, pois era constituída por dois volumes, o dobro da edição inglesa. Esta é levada a cabo por Anthony M. Ludovici, o tradutor das

¹ Schaumann nasceu em Hannover a 19 de Maio de 1778 e ali morreu a 19 de Outubro de 1840. Dele não há notícia como autor no *Dictionary of National Biography*, nem o seu nome é mencionado nas principais enciclopédias a que temos acesso.

páginas do comissário alemão, sobre as quais faz também um largo trabalho de adaptação, cortando os aspectos considerados menos relevantes:

In coming to a decision concerning those passages which it was necessary to curtail or to omit altogether, I was always guided — apart from considerations of propriety — by the principle that historical matter, or details concerning campaigning life in the Peninsula, must take precedence of mere descriptions of scenery and of personal adventures having only a purely human interest.²

Qual é, então, a originalidade desta obra? Ela reside no facto de Schaumann descrever não os aspectos políticos que opuseram os dois exércitos, ou tão pouco os hábitos e costumes das populações que ia conhecendo no seu trajecto, mas sim no facto de o autor dar uma visão única da vida de campanha do exército aliado inglês, espanhol e português, no seu aspecto mais simples: o dia-a-dia³. Como comissário do exército inglês a sua função era preparar acampamentos e acantonamentos, prover pela alimentação de centenas de homens, estabelecendo, deste modo, ligações muito estreitas com as populações que os recebiam. Tendo uma posição privilegiada para conhecer as necessidades mais básicas das tropas, do pão e da aguardente, ao local seco onde dormir, Schaumann descreve-as pormenorizadamente referindo-se também às relações entre ingleses e portugueses, ao mesmo tempo que desenha a traços mais fortes as suas características individuais. Nas páginas desta obra, a par da coragem que cada um demonstra em batalha, está o cansaço do fim da campanha e a atitude de uns, na terra estranha que defendem, e de outros, cuja terra têm de defender. Estes “uns” e “outros” referem-se, respectivamente, a ingleses e portugueses, embora o autor elabore também muitas imagens do exército espanhol e da sua organização. A obra constitui um notável registo peninsular

² *On the Road with Wellington, The Diary of a War Commissary in the Peninsular Campaigns*, Edited and translated by Anthony M. Ludovici, London, William Heinemann Ltd., 1924, p. ix.

³ À semelhança desta obra, existe uma outra que foca, muito provavelmente, os mesmos aspectos. Esta obra, à qual não tivemos acesso e cuja existência conhecemos através do dicionário bibliográfico de Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira Editor, 1879, tem como título: *The Commissary. Or Comprising Adventures and Events During the Peninsular War*, e é da autoria de Ned Clinton; sendo constituída por três volumes, publicados em Londres em 1825.

começado em 28 de Agosto de 1808, com o desembarque na baía de Maceira, e só terminado em 4 de Julho de 1814, quando o comissário Schaumann embarca em Pauillac, França, a caminho de Londres. Pelas páginas do seu diário desfilam muitos regimentos, ingleses, portugueses e espanhóis; mas a estas páginas interessa somente a visão dada por um alemão do inglês e do português, núcleos que são das investigações decorrentes no âmbito dos estudos anglo-portugueses.

É de realçar que desta obra não haja qualquer referência nos catálogos da Biblioteca Nacional ou da British Library, assim como não se encontra notícia de Schaumann ou de Anthony Ludovici na obra de Cristovão Aires *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*⁴.

O prefácio que Ludovici, o tradutor, faz à obra é muito elucidativo em relação a Schaumann, enquanto homem, militar e autor, além de definir claramente quais os seus objectivos com a publicação de mais um relato da Guerra Peninsular. É nas suas palavras iniciais que colhemos informações importantes para esta análise. Sabemos que os diários de August Schaumann, enquanto *Deputy Assistant Commissary — General* no exército britânico, preenchem as folhas de quatro volumes manuscritos, de duzentas páginas cada um, cuja experiência de vida que testemunham está ainda enriquecida por uma enorme quantidade de ilustrações, aguarelas pintadas pelo próprio Schaumann, e das quais daremos alguns exemplos relevantes neste artigo. A sua carreira junto dos militares ingleses dura até 1815, precisamente até Waterloo, embora Schaumann não participe neste importante marco da História Europeia. Uma vez terminadas as campanhas contra Napoleão, o exército inglês não tinha mais necessidade de ter regimentos estrangeiros nas suas fileiras, e, conseqüentemente, a famosa *King's German Legion*⁵ é dispensada, e Schaumann, como tantos outros, regressa a casa, neste caso a Hannover.

⁴ Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924-1930. Nem como obra anónima *On the Road with Wellington* figura nas listagens de Cristovão Aires cujo dicionário pretende «[conter] a indicação de obras impressas e manuscritas em português, espanhol, catalão, francês, inglês, italiano, alemão, latim, etc.». Se as datas de edição podiam ser uma das causas para a omissão da obra no referido dicionário, muitas outras lá figuram da mesma época. Reconhecemos, claro, que nenhum dicionário bibliográfico se assume como conclusivo, embora tenha a pretensão a ser exaustivo.

⁵ Este regimento é amplamente estudado pelo Major Ludlow Beamish em *History of the King's German Legion*, 2 vols., London, Thomas and William Boone, 1832.

O seu ingresso na carreira militar deu-se de forma algo forçada, pois August Friedrich Schaumann era mais um filho numa família pobre e numerosa que se vê privada da mãe muito cedo, em 1791, quando o autor contava apenas treze anos. A solução para o seu caso foi a carreira militar, para a qual entrou obrigado por seu pai, três anos mais tarde ocupando, a partir de então, a posição de cadete no 13.º Regimento da Infantaria Alemã. Os anos que se seguiram foram mais difíceis ainda devido à falta dos meios económicos que lhe poderiam ter permitido melhores oportunidades no exército. Quando estas não surgiram, foi mais uma vez a vontade do pai de Schaumann que imperou, desta vez para transferir o filho de uma carreira militar muito mal sucedida, para uma carreira nos serviços postais, na qual Schaumann não encontrou realização pessoal ou profissional, abandonando-a pouco depois. Esta realização, que efêmera lhe parecia já, procura-a, então, nos negócios, estudando para isso numa escola comercial em Hannover. Em 1803, a meio dos seus estudos, Schaumann abandona a casa de seu pai e o seu país para ocupar um lugar de *clerk* em Newcastle, Inglaterra, onde permaneceu durante alguns anos. Após algumas viagens entre a Rússia e a Suécia, Schaumann regressa a Inglaterra para ingressar na *King's German Legion*, recrutada, na sua maior parte, em Hannover. A ela existem muitas e variadas referências na obra monumental de Sir William Napier, *History of the War of the Peninsula*⁶, embora também aqui o nome de Schaumann não seja registado. Por seu lado, Schaumann regista bem o regimento não só por meio das suas palavras, como também com as suas tintas:



OFFICER OF THE KING'S GERMAN LEGION

⁶ Cf. *History of the War of the Peninsula and in the South of France From the Year 1807 to the Year 1814*, 6 vols., London, Frederick Warne, 1850.

Como autor Schaumann é caracterizado por Ludovici como “garrulous” e “coarse”, justificando, deste modo, os cortes para os quais sente necessidade, advertindo também para a pouca relevância que encontrou nas divagações familiares que naturalmente surgiram nos diários, os quais se destinavam, antes de mais à família do comissário alemão. Mas no texto que ficou havia a realçar o especial mérito da obra já referido:

The singularly graphic and vivid account which it gives of campaigning life in Spain, Portugal and France [...] and as it gives an enormous amount of detail that could not possibly be included in any official work on the subject, and throws much light upon the men and methods of the British Army in those far — off days, as also upon many matters not usually overlooked or suppressed in military histories, it cannot fail to be of interest to English readers in general, and in particular to all students of the memorable campaigns which it describes.⁷

Realçamos nós a chamada de atenção feita pelo tradutor para o grande interesse do diário numa altura em que uma forte curiosidade se fazia sentir pelo tema. De facto, este insiste em permanecer actual, uma vez que continua presente nas estantes da secção de História das livrarias em Inglaterra, enquanto que, ainda hoje, os principais trajectos procurados por turistas ingleses são, entre outros, os locais históricos onde se travaram as mais famosas batalhas entre 1808 e 1812, destacando-se, claro está, as Linhas de Torres. Mas mesmo os ingleses residentes em Portugal os procuram: a British Historical Society of Portugal inclui, anualmente, nos seus programas visitas a estes locais.

Ludovici, no seu trabalho de adaptação, confirma, sempre que possível, as passagens que considera históricas no relato de Schaumann. Para isso recorre frequentemente às obras de Sir Charles Oman, *History of the Peninsular War* e *Wellington's Army*, ou à já mencionada obra de Sir William Napier, assim como a *A History of the British Army* de J.W. Fortescue. Também são traçados alguns paralelos com *A Boy in the Peninsular War* de Robert Blakeney, obra que parece partilhar do carácter de relato, mais pessoal portanto, com o diário de Schaumann, como se o tradutor quisesse comparar experiências: exemplo disso é o caso que ambos descrevem a propósito do estado de total

⁷ *On the Road with Wellington*, pp. v-vi.

embriaguês das tropas quando estacionadas em Vila Velha de Ródão. Ao chegar a qualquer local onde fosse necessário pernoitar, cabia ao comissário a organização do acantonamento. Schaumann tinha, assim, de negociar com as populações, representadas pelo “Juiz de Fora”, os mantimentos e alojamentos para centenas de homens, serviço pelo qual as populações não recebiam nada para além de uma promissória que todos sabiam pouco valer. Frequente era, por isso mesmo, que todos os bens, alimentícios ou de outra espécie, fossem escondidos mal chegasse a notícia da aproximação das tropas. Os apelos do comissário tinham depois como resposta que os franceses haviam saqueado tudo. A chegada a Vila Velha de Ródão não é excepção neste panorama: os homens, famintos e cansados das longas caminhadas que marcavam os seus dias em trânsito, desejavam, com a comida, alguma aguardente cuja existência foi imediatamente negada:

The Juiz de Fora was very severely rebuked about this [o facto de não haver *brandy*] both by the colonel and myself; but like all the portuguese, when they are apologizing, he shrugged his shoulders until his ears rested on them, and assured us that the French had plundered and consumed all the brandy, and consequently there was none to be had in the whole neighbourhood. ⁸

No entanto, os homens, ao prepararem a refeição com o pouco que lhes foi fornecido, descobriram o esconderijo das pipas de aguardente que fizeram, naturalmente, as delícias do 32.º regimento.

A passagem tem ainda outro aspecto interessante a focar que é o da crítica latente aos irlandeses. Eis as palavras do autor sobre o desfecho deste “acidente”:

From that day forward the regiment became lifeless and insubordinate. But that is the fate of all English regiments, particularly when there are many Irishmen in their ranks, as there were in the 32nd. ⁹

O tom que Schaumann incute nos seus relatos é, como se pode ver pelas passagens transcritas, de jovialidade, anedótico

⁸ *Ibid.*, pp. 59-60.

⁹ *Ibid.*, p. 61.

umas vezes, dramático outras, mas sempre muito atento ao dever, numa atitude muito defensiva, consciente de que o seu cargo não suscita admiração a terceiros. No Prefácio que faz à obra em 1827 esta posição é muito clara:

As a commissary, and therefore as a non-combatant, I received neither honours nor orders of any kind, despite the fact that often enough I risked both my life and my health in the discharge of my duties; nevertheless, I maintain that I deserved them much more than many a combatant who strutted proudly about with his medals on his breast; for the zeal which we of the war commissariat showed was always multiplied in accordance with the difficulties we encountered.¹⁰

Para reforçar o seu ponto de vista, Shaumann vai mantendo a ironia que dedica aos “verdadeiros combatentes”, os “officers of the line”, descrevendo ainda sob este objectivo, o papel do comissário, acrescentando:

Their lot [do comissariado] was to sacrifice their health through bodily and mental strain, to expose themselves on their various raids to the danger of meeting enemy forces, to shoulder the greatest responsibilities, to keep the most complicated accounts, to be constantly threatened with assassination at the hands of the outraged natives, and to be treated shabbily by the generals, who either made the most preposterous demands upon them, or else were only too ready to ascribe to them the blame for any unsuccessful or blunged undertaking.¹¹

On the Road With Wellington, obra que pode considerar-se sem pretensões literárias ou mesmo históricas, uma vez que o seu autor não pretende mais do que relatar as suas experiências tendo em mente “the entertainment and edification” da sua própria família, é, em última análise, uma longa e divertida apologia da classe que o autor representa: o comissário de guerra. Suas são a mais evidente coragem, assim como a mais forte perseverança nos piores momentos da campanha. Nem Schaumann se poupa quando é altura de valorizar os perigos

¹⁰ *Ibid.*, p. xiii.

¹¹ *Ibid.*, p. xv.

vários a que estava sujeito. Ainda no seu prefácio, nas palavras que introduzem o leitor à obra, a par da imagem dada dos generais ingleses na última citação, está a imagem que Schaumann elabora sobre os “povos do Sul”:

But on this very account the life of a war commissary was constantly in danger. At any moment he might be assassinated by the natives whom he had despoiled, or otherwise fall a victim to the peculiar vindictiveness of the southern peoples. True, nothing was ever taken except in exchange for cash or receipt notes payable by the Commissary-General; but as the Spaniards and Portuguese ingenuously declared, in the event of a total lack of supplies, and in the face of the quantities absorbed by the armies, they could not eat our money or our receipt notes, neither could they purchase anything with them for miles round. ¹²

O prefácio é terminado com a satisfação do dever cumprido, sentimento que dá a Schaumann mais alegria e honra espiritual do que qualquer medalha de prata, fiel à quadra com que descreve a sua vida:

I thrust life's worries all aside,
And had no fears nor sorrow;
I rode towards my Fate with pride,
And trusted in the morrow.

Neste mesmo dever, que o autor diz ser feito em nome do seu rei, Schaumann considera-se exemplar. A alta estima com que se auto-caracteriza é marcante, no que diz respeito à sua atitude para com o *Outro*, português ou inglês, pois o alemão considera-se muito acima de ambos no aspecto civilizacional. Os portugueses são, de uma forma geral, descritos com muita simplicidade, caracterizados como camponeses, como algo primitivos, enquanto que aos ingleses estão reservadas as palavras de maior crítica, quer no aspecto cultural, quer no aspecto militar. Dirá dos portugueses que acompanham o exército:

I pitied these poor devils with all my heart. In the midst of the harvest they had been torn away from their

¹² *Ibid.*, p. xiii.

homes, or pressed into our service, and were forced with their beasts of burden to follow the army night and day along highways and byways, without knowing when they would behold their families again. We gave them a piastre a day; from the French they had got nothing.¹³

É de notar como Schaumann precisa de sentir que, de alguma forma, compensa os portugueses. Frequentes são as referências a refeições para as quais Schaumann convidava estes *carters*, procurando dar-lhes algum conforto, assim como chama muitas vezes a atenção para a sua atitude defensiva em situações que considerava injustas, como a requisição demasiada de alimentos, uma das suas principais funções. Sobre estas traça o autor o seguinte auto-elogio que tem na sua base uma severa crítica aos ingleses:

It is strange but true, that Englishmen would rather starve then trouble themselves about cooking; that is why it is so hard to be an English war commissary; for the men, together with their officers, are like young ravens — they only know how to open their mouths to be fed. Not so the German. [...] No one could understand where I got all my things from, for not one of the Englishmen had either a pot or a spoon, nor the genius to procure this or that *brevi manu*. Gentlemen, I declared, if a commissary is expected to starve in the midst of all his stores, then the devil take the whole business. As soon, however, as I took command, we had tea, milk, butter, eggs and beefsteaks in the morning, and marrow soup, roast beef, cauliflower and salad for luncheon. We also had glasses and spoons, and I collected a dinner service by borrowing in the neighbourhood.¹⁴

E, se no que se refere ao aspecto político e militar, Schaumann elogia os seus oficiais ingleses, principalmente em momentos vitoriosos, a eles tece também duras críticas, como, por exemplo, em relação aos tipos de castigos praticados. Um dos seguimentos habituais de um *court martial* era, segundo Schaumann, na

¹³ *Ibid.*, p. 24.

¹⁴ *Ibid.*, pp. 38-39. Notar como Schaumann faz referência a produtos tipicamente ingleses, começando pelo chá; na continuação do capítulo, a ideia transmitida é de que os ingleses não teriam sobrevivido tão bem se não fossem os “excelentes” serviços do comissário alemão.

maioria dos casos, de chicotear o infractor até que este sangrasse. Wellington é um dos criticados no que toca a este tipo de justiça. Num período já mais tardio da campanha, quando as tropas estão a retirar, Wellington é caracterizado como severo e implacável quando, ao descobrir que soldados do seu exército se aproveitam da situação difícil para roubar, ordena a sua imediata execução:

In the midst of the tumult, however, Lord Wellington had arrived, and had immediately imposed the severest measure of justice; and, indeed, the first objects he saw hanging from an olive tree before the gates of the town [Leiria] were the bodies of two soldiers, one English and the other Portuguese. The place was completely deserted by its inhabitants and offered to the troops passing through the greatest temptation to plunder. But, as I have mentioned already, Lord Wellington had, on this very account, issued the most barbarous orders.¹⁵

Dos portugueses, a imagem transmitida é colorida com alguma lamentação. Do princípio ao fim do seu diário Schaumann comenta a situação de um povo que se vê invadido não por um, mas por dois países: um que o ataca e outro que o defende. Não obstante, é com um certo orgulho que o comissário relata como, ao passarem por algumas povoações, os regimentos ingleses são bem acolhidos, como os verdadeiros salvadores. E a este orgulho não fica indiferente o facto de, por todo o lado, se manifestar uma enorme curiosidade por tudo o que é inglês, desde os hábitos do pequeno almoço até às tácticas militares. Eis um exemplo deste tipo de situação:

We were billeted in a rather attractive house, and presented ourselves before our landlady and her son, who was a cavalry officer. They were very polite, asked a number of questions about a thousand and one things — chiefly political — and examined us *ad nauseam* about England.¹⁶

Notáveis são as descrições das vilas por onde passa, embora não pelo seu valor literário, pois, como já referimos, Schaumann

¹⁵ *Ibid.*, p. 259. A descrição da execução de todos aqueles que foram apanhados a roubar continua ao longo do capítulo. Schaumann, embora crítico da severidade da punição, não gasta palavras na defesa dos criminosos.

¹⁶ *Ibid.*, p. 30.

não é um homem de letras, apesar de ser um militar evidentemente culto, que sabe francês e latim, cita Shakespeare¹⁷, conhece a obra de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, e designa o exército inglês pelo cognome *John Bull* mais de uma vez, invocando esta forma ainda invulgar da obra de John Arbuthnot, *The History of John Bull*. O valor destas descrições está na possibilidade que abre de um interessante trabalho de comparação, visto que muitas delas surgem não uma mas duas vezes, no princípio da campanha e outra já no fim desta, testemunhando a destruição de dois países, Espanha e Portugal. O seu percurso desenha-se no mapa com ponto de partida em Maceira, passando pelo Vimeiro, por Torres Vedras, por Mafra, por Sintra, por Oeiras, por Queluz, por Lisboa, de onde parte para Espanha. Quando regressa ao nosso país percorre Vila Franca, Abrantes, seguindo sempre pela margem esquerda do Tejo. No Norte passa pelo Porto, por Penafiel, por Braga descendo depois para Coimbra e Tomar. Rara é a localidade que não é mencionada pelo comissário alemão¹⁸, acompanhada sempre de um pequeno comentário. Assim, Torres Vedras, descrita num primeiro momento, em 1808, como “pitoresca”, torna-se uma “wretched village” em 1811.

A esse ano estão reservadas as descrições mais realistas, como a que Schaumann faz de Portugal num momento de fuga das populações:

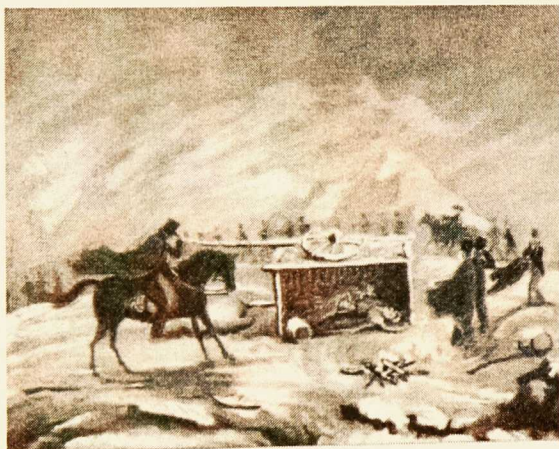
Old people, lame and sick people, women just risen from childbed, children and whole families with all their belongings, packed either on bullock carts, mules, horses or donkeys, were to be seen mixed up with all kinds of beasts, among which pigs, owing to their unruliness and

¹⁷ Surgem no texto ocasionais citações de Shakespeare, autor que é muito representado em momentos de campanha mais calmos que permitem esse tipo de organização lúdica. A título de exemplo, as tropas limpam e arranjam um celeiro na Quinta da Agila, em Espanha, onde Schaumann arranja guarida para o seu regimento. Durante este período, quando as forças francesas se preparam para atacar Ciudad Rodrigo, os militares divertem-se representando peças do dramaturgo inglês e muitas comédias inglesas.

¹⁸ O tradutor, sempre que efectua cortes no texto original, refere, em nota, quais os locais cuja menção já não surgira, para que, desta forma, não se perca nenhum ponto da passagem do 52.º regimento pela Península. Por razões de economia do texto, omitimos muitos dos nomes das localidades mais pequenas e menos conhecidas das quais Schaumann fala no seu diário. A listagem seria interminável de outra forma. Não queríamos, porém, deixar de notar como se pode traçar num mapa, de forma muito pormenorizada, todo o percurso que o autor fez com os seus regimentos.

horrible cries, were most conspicuous. And this throng, marching to the wailing and lamentation of the fugitives both from town and country, presented a scene which I shall never forget.¹⁹

Schaumann não poupa o seu leitor aos detalhes mais negativos da campanha, ilustrando o seu texto com várias imagens, que só acrescentam forma e cor às suas palavras²⁰:



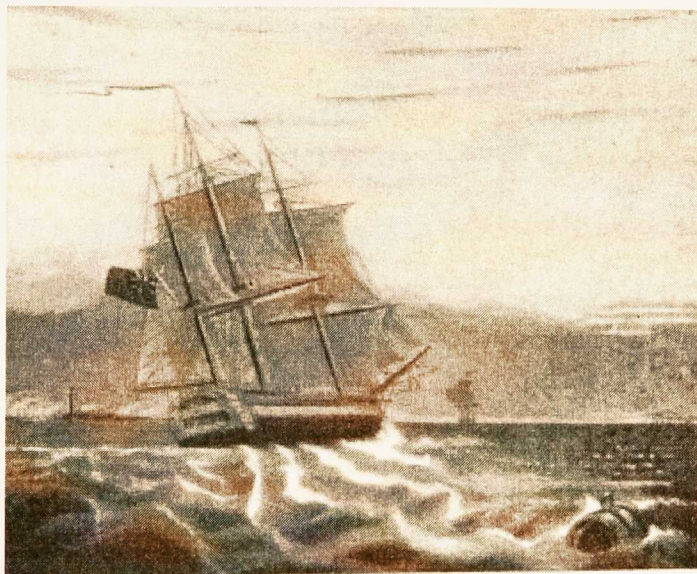
AN INCIDENT ON THE RETREAT.

Mas não é o dramatismo que marca as linhas do diário do comissário alemão, pois mesmo nestes momentos em que se impunha alguma seriedade no tom, Schaumann interrompe uma batalha ou uma retirada estratégica confusa para contar como encontrou o seu primo com quem divide um bom almoço, ou das suas conquistas amorosas nas povoações onde se instalam. E algumas passagens divertidas, quase picarescas, estão reservadas ao “faithfull valet and cook” Manoel, que o acompanha praticamente desde o início da sua estadia na Península, cúmplice de várias aventuras e um verdadeiro amigo, de quem Schaumann se despede oferecendo-lhe muitas das suas aquisições feitas durante a campanha e “chorando como um bebé”. Ao

¹⁹ *On the Road With Wellington*, p. 255.

²⁰ Apesar de não estar tão nítida como no original, a figura representa o terror da retirada das tropas e da fuga das populações. É possível distinguir na aguarela o corpo de uma mulher morta, agarrada ao seu filho que, segundo Schaumann, ainda estava vivo. A cena impressionou o autor o suficiente para a inserir na obra.

dizer adeus a Manoel, diz também adeus à comida portuguesa que elogia, ao fandango que o diverte e, por outro lado, às imagens de um país devassado que já não queria ver.



BACK TO ENGLAND

A sua carreira na Guerra Peninsular é recompensada quando, ao retirar-se das suas funções, o seu superior o elogia, dando Schaumann como um bom exemplo para todos os comissários.

As tropas aliadas anglo-portuguesas, às quais dedicou quatro anos da sua vida, caracteriza-as Schaumann da seguinte forma, elogiando, sem dúvida, as forças militares portuguesas daquela que lhe parecia ser a melhor forma:

The Portuguese fought with conspicuous courage, and did great credit to Marshal Beresford, who had trained them. They also proved a tribute to the masterly soundness of Lord Wellington's military policy, for he had attached a couple of Portuguese regiments to every English division, and brought them into a position where, for the first time, they could prove their mettle and stand the test of battle. He had thus inspired them with confidence in themselves, which always leads to deeds of daring. They behaved just like English troops, and, indeed, fought

with such valour that the French believed them to be Englishmen disguised in Portuguese uniforms.²¹

Inconsciente estava Schaumann, ao compor este elogio, que as suas palavras se referiam à figura que mais polémica levantou no período, pois se Beresford era popular e querido junto de alguns, que o intitularam 1.º Marquês de Campo Maior e 1.º Conde de Trancoso, também era detestado junto de outros que viram na sua regência a causa para a forte crise na qual o país mergulhara, e que tudo fizeram para expulsar o Marechal do país²². Há, assim, alguma ironia nas palavras do comissário alemão, ironia esta que só contribui algo mais para o carácter original da obra. A sua visão é de um europeu, de um homem de um centro civilizacional e cultural muito diferente, que se sente mais identificado com os militares ingleses do que com os companheiros de armas portugueses com os quais eventualmente se cruzou. Os portugueses são os *carters*, são o *Manoel*, são aquelas pessoas em fuga desesperada que têm o país destruído, mas que, apesar disso, honraram o Marechal Beresford.

Historicamente as páginas do comissário Schaumann nada acrescentam sobre a Guerra Peninsular, ou tão pouco o pretende o autor. O seu mérito está no novo ponto de vista que inaugura ao ter como objectivo principal não a estratégia militar mas a vivência do dia-a-dia. Claro que o mesmo se podia dizer de qualquer diário — e estes existem em abundância dentro do tema da Guerra Peninsular — mas poucos poderão reclamar um estatuto de autoridade sobre o dia-a-dia de todo um regimento como o faz Schaumann que, entre vitórias e retiradas descreve também a maneira mais fácil para encontrar manteiga fresca, boa carne e a melhor aguardente, ou como convencer uma família a albergar vinte soldados ... outra vez.

²¹ *Ibid.*, p. 249

²² Cf. A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, 3 vols., Lisboa, Palas Editores, 1981.